

**Zitiervorschlag:** Anónimo (Bento Morganti) (Hrsg.): "Num. 4", in: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.2\004 (1753), S. 25-32, ediert in: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Hrsg.): Die "Spectators" im internationalen Kontext. Digitale Edition, Graz 2011-2019, [hdl.handle.net/11471/513.20.4506](https://hdl.handle.net/11471/513.20.4506)

## N.º.4

### *Como se deve comunicar a Sciencia.*

ACHava-me hum dia destes muito bem descansado em minha caza, quando me entrou pela porta dentro hum dos amigos com quem costumo associarme para tomar o meu passeio, e entrou a persuadirme, que fosse com elle ouvir hum Orador, que tinha chegado por grande fama; que era hum homem doutissimo, e elegante, e que tinha conciliado para a sua estimação hum conceito grande de seus ouvintes, pela raridade da sua eloquencia, e pelo elevado de suas idéas, e era tão fundo tudo quanto dizia, que lograva presentemente grandes creditos na Oratoria. Persuadiram-me as expressões do meu Amigo, que não pude recuzar o convite, principalmente tendo eu pouco que fazer, porque não sendo assim, também não fora, pois ordinariamente estes Oradores elevados tocam no termo de impertinentes, e enfadonhos; finalmente chegamos ao citio, entramos com algum trabalho por estarem os lugares occupados, porque a fama tinha arrastado muita gente, e em breve tempo dei com os olhos no Orador. Dispos-se em publico com todas affectadas ceremonias do estillo, medio com pausa demasiada o lugar, e os assistentes, e deu principio à sua Oração: mas logo soltou huns periodos tam cheyos de expressões retumbantes, e frases tam imperceptiveis, que custou muito a desfazer algumas para atinar com o que queria dizer; palavras tão novas, e tam latinadas, que certamente era preciso hum novo Vocabulario distinto do P. Bluteau, para se achar a sua significação em Portuguez: Declamou contra alguns vicios; e elogiou algumas virtudes com hũa rethorica tão fexada, e tão escura, q# cuidou a mayor parte dos assistentes ficou em jejum sem saber o que se reprehendia, e o que se louvava. Vinha a exposiçam de alguns lugares tão ordenada de flores de elegancia, e tam acompanhada de figuras Rhetoricas, que apenas entre ellas se podia distinguir o verdadeiro, e genuino sentido para que se traziam aquelles lugares: e nesta forma do principio até o fim acabou o seu discurso com hum aplauso universal dos assistentes, sahindo quasi todos muito consolados, e satisfeitos do grande engenho do Orador, da sua funda sabedora, da sua rara eloquência, e da elevada idéa de seus occultos pensamentos, e entre estes barbaros elogiadores observei alguns de qualidade tal, que ainda que o Orador fallasse em termos mais preceptiveis, intelligentes, e claros elles o nam entenderiam depois de estudarem sobre elles hum anno inteiro; mas sómente porque o nam entenderam, e porque o eco retumbante daquellas palavras, que nunca ouviram, fez nelles hũa impressam estranha, deram logo a sua approvaçam, e conceberam hum grande conceito no q# ouviram, e quasi sempre isto basta no vulgo ignorante para estabelecer hum bom credito, e hum indelevel conceito.

Impacientado de ter ouvido huma dessuza oraçam deste genero voltei para o meu amigo, e disse: ora e certo he, que agora cheguei a ver verificada parte daquella maxima estranha, e contraria com a razam que muitas vezes se defendeo nas Escolas, e que se acha em hum verso latino antigo que diz:

*Si sciat hoc alter, scire tuum nihil est.*

Que vem dizer: *A sciencia de hum homem he nada, se a comunica a outro*; porque entende que perde muito do que sabe, se o disser em termos, que todos o entendam. Mas eu com licença destes escuros, e sequazes de semelhante maxima, hei de acomodarme muito mais com o que diz Persio:

Que he o mesmo, que se dissesse: *A vossa sciencia he nada, se nam falais, e escreveis de modo que se conheça, que a tendes.* Pois não vi cousa mais barbara, a alhea, da razaõ humana, que querer hum homem persurdir aos outros, que sabe, e que he douto em qualquer genero de sciencia por termos negativos, isto he pelo que não diz, pelo que não explica, e pelo q# não escreve; porque esta expressam da sciencia em ninguem teve atè o presente lugar, se não em S. Paulo que foi douto, e sciente sem controversia, porque assim o confessa todo o mundo, e pelos termos negativos com que expressou o que vio nos ceos, he que deu a conhecer a sua sciencia, confessando claramente que não sabir dizer o que tinha visto, e o que nelles achou; pois em tudo o mais he necessario, que a sciencia que se possui na realidade, passe para o conhecimento dos mais pelos porporcionados meyo da clareza, e da expressam intelligivel, de modo, que aproveite aos que ouvem, e lem o que se diz, e o que se escreve; e ainda que a todo o mundo possa ficar parte, ou todo do que cada hum mostra que sabe, nem por isso em si mesmo acharà diminuiçam alguma, por não ser a sciência indivisivel em quem a possui, mas sim communicativa para quem a recebe.

Para hum homem de bom natural não ha gosto mais sensivel que o de poder satisfazer, ou aclarar o espirito dos mais. A isto se pode ajuntar que este exercicio he naturalmente seguido da sua justa recompensa, porque he quasi impossivel que não produza alguma vantagem a quem o pratica. A lição dos livros, e as diversas occurrencias da vida nos enchem todos os dias de materia para cuidar, e reflectir, e he muito natural dezejarmos que os nossos pensamentos, e idéas sejam revestidas de palavras, sem as quaes he difficultoso que se possa ter huma idéa clara, e distinta. Tanto que as vemos assim explicadas, não ha couza alguma que descubra melhor se ellas são justas, ou falsas, que o effeito que ellas obraõ sobre o espirito dos mais.

Eu certamente tenho gosto excessivo de que no curso destes papeis se tem tratado diversos assumptos, e explicado algumas maximas pertencentes à vida civil, que a mayor parte dos leitores ignorantes, ou que o pequeno numero dos que sobre ellas tinhaõ alguma idéa, olhavaõ para ellas como tantos segredos, e consideraçoens occultas que guardavaõ somente para seu uzo, sem que as quizessem communicar ao publico.

O que confirma este pensamento he ver, e ouvir como muitos me reprehendem, e murmuraõ de ter com estes papeis abandonado, e entregue a sciencia à discrição, e liberdade do vulgo, e de a ter prestittuido ao publico como alguns dizem. Outros me acuaõ de ter exposto os segredos da prudencia, e da politica aos olhos de todo o mundo.

A baxeza do espirito que vejo nestas murmuraçoens, cauza como tudo menos admiração, do que em outros seculos cauzavaõ algumas cartas escritas sobre o mesmo. Ainda se conserva huma carta que Alexandre o Grande escreveu a seu Mestre Aristoteles, sobre ter este Filosofo publicado alguma de suas obras: nesta Epistola se queixa Alexandre de que elle fez conhecer a todo o mundo tudo quanto lhe ensinou em particular, e concluiu: *Que elle estimava muito mais exceder a todos os homens em sabedoria, que em poder.*

A Condeça de Aranda Luiza de Padilha, Senhora certamente de huma grande comprehensão, e sabedoria, se degostou muito de que o famoso Gracian publicasse o seu tratado do Discreto, por nelle mostrar aos olhos de todos, as maximas que se deviaõ reservar somente para o conhecimento dos grandes.

Muitos tem achado que são bastantemente solidas estas objeçoens, e para justificarem os authores referidos, pertendem mostrar que elles affectaraõ hum estilo escuro, para que só hum pequeno numero de homens pudessem entender as suas obras.

Persio Poeta Satyrico affectou ser escuro por outro motivo differente; mas como tudo hum Author Inglez; não podendo disfarçar o odio que conservava a hum estillo semelhante escuro, e imperceptivel, escreveu a hum de seus amigos nestes termos: *Vos me dizeis que não podeis resolver se Persio he hum bom, ou máo Poeta, porque o não entendeis: por isso mesmo eu affirmo que Persio não he bom Poeta.* A applicação disto he clara para o intento, e não he preciso mais.

Seja o que for; esta Arte de descrever, e falar de hum modo intelligivel, e claro he a mais bem aceita, e seguida por quantidade de Authores modernos. Depois de ter observado a inclinação universal que os homens tem, a tratar em segredo, e a reputação que muitos tem adquirida por beneficio (sic) dos termos escuros, e de

frazes embrulhadas em que confundem as suas idéas, resolverão, para se fazer menos preceptíveis, escreverem sem alguma idéa. Esta Arte da forma que hoje se pratica, e que muitos uzaõ, consiste em lançar acaso hum certo numero de palavras que formão diversos periodos, e deixar ao leitor, e ouvinte curioso o cuidado, e o trabalho de penetrar, e descobrir o sentido verdadeiro que nelles se quer intimar.

Os Egypcios que empregavaõ Jeroglificos para expressarem diversas cousas, representavaõ hum homem que limitava a sua ciencia, e fexava os seus descobrimentos uteis em si proprio, pela figura de huma lanterna surda, ou como dizemos de furta fogo, fexada por todas as partes, que ainda que tem por dentro muita luz, não dá claridade alguma aos que estão juntos a ella. Mas quanto a mim, entendo que he muito melhor que hum homem se disponha a communicar de tempo em tempo ao publico tudo quanto pode chegar ao seu conhecimento, e que parecer digno da sua estimação, comparando-se com huma alampada que se confome dando toda a luz que pode para utilidade, e beneficio de todos os que passaõ.

Acabarei esta reflexão com a historia do Tumulo em que estava sepultado *O Cruz- Rozada*. Todos entendo que sabem que este chimico fundou a seita dos *Irmãos da Cruz- Rozada*, e que seus discipulos pertendem sempre fazer novos descobrimentos, os quaes não devem communicar a pessoa alguma fora da sua sociedade, na forma de seus inviolaveis estatutos.

Hum certo homem que teve occasião de cavar mais profundamente no lugar em que este Filosofo estava enterrado, achou huma pequena porta cercada por ambas as partes de hum muro. A sua curiosidade natural, e a esperança de que naquelle lugar estivesse escondido algum Thesouro, o obrigaraõ a penetrar a porta. Admirado de ver huma luz repentina, descobrio logo huma excellente abobeda, no fundo da qual estava a figura de hum homem armado sentado junto a hum bufete, tendo inclinada a cabeça sobre o braço esquerdo, e na mão direita tinha hum bastão groço, e curto, e huma lampada ardendo diante delle. Tanto que este curioso entrou na caza, se levantou a estatua, e ficou em pé; ao dar outro passo, levantou a mão em que tinha o bastão, e ao terceiro movimento do curioso, descarregou hum terrivel golpe com que fez a lampada em mil pedaços, de sorte que tudo ficou às escuras.

Com a noticia desta aventura, o povo daquella vesinhança foi logo ao Tumulo com lanternas, e tochas acezas, e se descobrio que a estatua, que era de bronze, era huma peça feita com machina de relógio, que o pavimento da caza era formado de chapas movediças, e que tinha por baixo diversos registros, que de sorte que quando se caminhava sobre o pavimento, produziaõ todos os effeitos antecedentes.

Este chimico conforme o que dizem os seus Discipulos, tinha feito esta invenção, para dar a conhecer ao mundo, que elle tinha achado o segredo das lampadas inextinguiveis dos antigos, e para impedir que pessoa alguma se aproveitasse delle.

Deste humor ha ainda hoje muitos que reservaõ para si só o que sabem, e despidos de toda a caridade, e animo generoso, deixaõ ficar aos outros na ignorancia, e se alguma vez querem communicar a sua ciencia he com huns termos tão escuros, e imperceptiveis, que depois de se terem cansado muito, ficaõ os que ouvem, ou lem os seus discursos na mesma ignorancia em que de antes estavaõ. Não entendo que isto seja bom.

LISBOA:

Na Officina de PEDRO FERREIRA, Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora,

Anno do Senhor 1753